

**Revista de Literatura,
História e Memória**

**Narrativas de
extração histórica**

ISSN 1809-5313

VOL. 4 - Nº 4 - 2008

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 279-287

UMA REPRESENTAÇÃO DA GUERRA CONTRA O PARAGUAI

FACHINELLO, Douglas Rafael (UNIOESTE)¹

RESUMO: Na obra ficcional *A solidão segundo Solano López* (1982), Carlos de Oliveira Gomes apresenta-nos uma possibilidade de como a Guerra do Paraguai pode ter ocorrido. O autor elaborou um romance que possui a grande maioria dos recursos apontados por Aínsa, em seu artigo, *La nueva novela histórica latinoamericana* (O novo romance latino-americano) (1991), e Menton, em seu livro, *La nueva novela histórica da América Latina, 1979 – 1992* (O novo romance histórico da América Latina, 1979 – 1992) (1993), criando assim uma narrativa histórica que questiona alguns dos livros mais tradicionais de historiografia sobre o tema, e com isso ilustra o imaginário de seus leitores com uma guerra maniqueísta. Apresentaremos dois recursos usados pelo autor na construção de seu livro: a redação de um prólogo que não faz parte da diegese propriamente, mas que mesmo assim aponta os motivos geradores do conflito e cria uma definição para estes; e a caracterização dos personagens históricos como seres humanizados e, às vezes, nada heróicos, diferente da representação tradicional. Logo, o objetivo do trabalho inclina-se rumo à convergência com o da comunicação coordenada, pois analisaremos os pontos confluentes entre literatura e história nas criações do discurso literário da obra em questão. Resultando na caracterização da história da Guerra do Paraguai pela literatura. Apresentaremos e analisaremos a imagem criada pelo prólogo que é a de uma Guerra contra o Paraguai por interesses ingleses e também a representação de alguns personagens históricos, mitificados pela historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e história, Guerra do Paraguai, representação.

ABSTRACT: In the fictional narrative *A solidão segundo Solano López* (1982), Carlos de Oliveira Gomes present-in the one possibility of as the War of Paraguay can have occurred. The author elaborated a romance who possesss the vast majority of the resources pointed for Aínsa, in yours article, *La nueva novela histórica latinoamericana* (The new Latin American romance) (1991), and Menton, in yours book, *La nueva novela histórica da América Latina, 1979 - 1992* (The new historical romance of Latin America, 1979 - 1992) (1993), thus creating a historical narrative that questions some of history books most traditional on the subject, and with this he illustrates imaginary of its readers with a war manipulated. We will present two used resources for the author in the construction of yours book: the writing of a prologue that is not part of narrative properly, but that exactly thus it points the generating reasons of the conflict and creates a definition for these; e the characterization of the historical personages as humanizados beings e, to the times,

nothing heroic, different of the traditional representation. Soon, the objective of the work inclines route to the convergence with the one of the co-ordinated communication, therefore we will analyze the confluent points between literature and history in the creations of the literary speech of the workmanship in question. Resulting in the characterization of the history of the War of Paraguay for literature. We will present and analyze the image created for the prologue that is of a War against Paraguay for English interests and also the representation of some historical personages, that myths had become due to history books.

KEY-WORDS: Literature and history, War of Paraguay, representation.

A primeira questão de que trataremos em nossa análise literária é o prólogo de *A solidão segundo Solano López* (1982), pois este não faz parte da narrativa propriamente dita. Gérard Genette, em *Paratext: Threshold of Interpretation. (literature, culture, theory)* (1997), denominou todas as partes do livro, que não sejam a narrativa, de paratexto. Vejamos a definição de Genette para a seguir discorrermos sobre seu uso nesta obra:

Um trabalho literário consiste, inteiramente ou essencialmente, de um texto, definido (muito minimamente) como uma seqüência mais ou menos longa de declarações verbais que são mais ou menos dotadas de significação. Mas tal texto é raramente apresentado sem estar adornado, reforçado e acompanhado de um certo número de outras produções, verbais ou não, tais como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações. E apesar de que nós nem sempre saibamos se essas produções devem ou não ser vistas como pertencendo ao texto, em todo o caso elas rodeiam o texto e o estendem, precisamente para *apresentá-lo*, no sentido usual deste verbo, e num sentido mais forte: fazer *presente*, garantir a presença do texto no mundo, sua 'recepção' e consumo sob a forma (atualmente, pelo menos) de um livro. Esse tipo de produção, que varia em extensão e aparência, constitui o que eu chamei [...] de *paratexto* [...]. O *paratexto* é aquilo que permite que o texto se torne um livro e seja oferecido enquanto tal para seus leitores e para o público de um modo geral [...]. (GENETTE, 1997, p.1, grifos do autor).

Sendo o prólogo um elemento paratextual e parte constituinte da obra, parece-nos ter ele um propósito de influenciar como o leitor lerá a narrativa, pois é nele que o escritor expõe seu ponto de vista sobre a Guerra do Paraguai, as fontes inspiradoras e os objetivos do romance. Portanto, acreditamos ser através do prólogo que a interdiscursividade começa a se apresentar. O artifício paratextual usado por Gomes se mostra como sendo transtextual, pois se coloca entre o criador da obra, o seu futuro leitor e o meio extratextual em que o texto busca espaço.

Começemos a análise do prólogo pelo título: "Prólogo necessário mas nada romanesco sobre águas turvas do rio da Prata". Por que seria um prólogo "necessário"?

Porque as “águas são turvas no rio da Prata”, ou seja, elas são opacas e não permitem ver o que realmente passa por debaixo delas. A obliquidade dos fatos, segundo o ponto de vista do autor, parece justificar a necessidade de um prólogo “nada romanesco”, pois se faz necessário colocar os fatos em lençóis limpos, com a maior clareza possível e a menor poetização e ambigüidade que uma obra romanesca consiga.

No primeiro parágrafo, o narrador já deixa clara sua posição com relação aos fatores que originaram a guerra: a ambição de Mitre e interesses mercantis tanto regionais como internacionais, e a seguir o narrador acaba inserindo então a Inglaterra. Vejamos o primeiro parágrafo:

A guerra movida pelos países da Tríplice Aliança (Império do Brasil, Confederação Argentina e Banda Oriental do Uruguai) de 1865 a 1870 contra Francisco Solano López, presidente da República do Paraguai, teve origem em manipulações de natureza política urdidas por Bartolomeu Mitre, Presidente da Argentina, amparado por grandes interesses mercantis e financeiros regionais e multinacionais – estes últimos representados principalmente por banqueiros e poderosos mercadores da Inglaterra. (GOMES, 1982, p.7).

Neste trecho podemos notar a não referência ao Brasil e nem ao Uruguai como culpados explícitos do conflito, e sim aos interesses ingleses, como vemos neste trecho, “por grandes interesses mercantis e financeiros regionais e multinacionais”, que mais à frente o narrador esclarecerá serem esses interesses articulados por brasileiros e uruguaios também. Mesmo Mitre, que é citado explicitamente como agente da guerra contra o Paraguai, possuía em suas descrições, feitas pelo narrador, a Inglaterra como sombra, como exemplificaremos a seguir:

Mitre pessoalmente considerava a conquista do Paraguai um dos propósitos fundamentais de sua vida política. Como apóstolo do capitalismo britânico a se apossar da América do Sul, já em 1861 proclamava de público, alto e bom som: ‘Qual a força que leva à frente nosso progresso?’ ‘É o capital inglês senhores’. (GOMES, 1982, p.8, grifos do autor).

Segundo o narrador, o agente de sombra inglesa no Brasil foi Visconde de Mauá (1813 – 1889), e foi ele quem levou e financiou o Império do Brasil contra o Paraguai. Vejamos o que o narrador paratextual explícita: “No Império do Brasil, o agente do capitalismo da Inglaterra foi Irineu Evangelista de Sousa – mais conhecido como Visconde de Mauá –, nascido em Arroio Grande, Rio Grande do Sul, de origem muito humilde”. (GOMES, 1984, p.8).

No prólogo notamos também a criação de um Paraguai paradisíaco conforme apresenta o narrador do prólogo: “Nessa época, o Paraguai – ou o que dele restou – era uma espécie de paraíso para seu povo destemido, amável e feliz”.

(GOMES, 1982, p.9). Que graças à “El Supremo” Don Gaspar Rodríguez Francia (1776 – 1840) com sua coragem para enfrentar o capital inglês conseguira tal façanha:

Sob pressão dos grandes capitais ingleses que pretendiam abocanhar as riquezas nacionais e em face de rigoroso bloqueio que lhe fora imposto por Buenos Aires, Francia adotou providência energética e inesperada: fechou seu país para o resto do mundo. Fez isso, exatamente: fechou o país. Nada e ninguém entrava ou saía. Criou o Paraguai-caramujo. (GOMES, 1982, p.10).

Talvez para um leitor mais desatento o prólogo deste livro pareça distribuir a responsabilidade entre Mitre, Flores e Mauá, mas com um simples olhar mais aguçado, percebemos que todos esses são meros fantoches dos interesses ingleses que buscavam se apoderar das riquezas sul americanas.

No segundo parágrafo da página dezessete temos a confirmação pelo narrador de que o romance será uma escritura paródica da Guerra do Paraguai, “A tragédia do Paraguai ver-se-á nas páginas a seguir.” (Gomes, 1982, p.17). Portanto, depois de toda uma apresentação de como foi a Guerra contra o Paraguai para o narrador, ele afirma que veremos como ela ocorreu nas páginas que seguirão.

E para finalizar, no terceiro parágrafo da página dezessete, através das palavras do narrador paratextual, valendo-se da metaficção, há a afirmação de que este é um livro fundamentado em pesquisa em torno de livros históricos, o que expõe sua intertextualidade:

A investigação fatural foi de tal molde que citamos os nomes dos soldados João Soares e Luís Alves Paraguai, os dois que lutaram contra López momentos antes de sua morte; e isso, ao que nos consta, não foi ainda registrado em qualquer livro, antigo ou moderno, versando o tema. Tampouco há registros de nosso conhecimento sobre o golpe de lança desferido por Maurício Imbá em Mme Lynch. (GOMES, 1982, p.17).

Neste excerto, além da confirmação da pesquisa histórica há outro ponto que merece destaque. É a referência a personagens históricos conhecidos. O que nos conduz ao segundo momento de nosso estudo: a análise de Personagens históricos em narrativas fictícias.

As narrativas históricas contemporâneas, chamadas por Aínsa de “Novas Narrativas” em seu artigo *La nueva novela histórica Latinoamericana* publicado na *Revista Plural* nº 240 (1991), diferentemente das “narrativas históricas tradicionais”, assim chamadas por Menton, em seu artigo *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992* (1993), ou românticas, como se destacaram no Brasil, que possuíam como protagonistas personagens fictícios, possuem como protagonistas personagens

de extração histórica. A intenção parece ser a de dialogar com o passado e refletir como talvez este poderia ter sido e imaginar o que sucedeu com estas personagens em momentos que marcaram nossa história, ou ainda nas palavras de Fernando Afinsa:

A nova narrativa embarcou na aventura de reler a história, especialmente crônicas e relações, exercitando-se assim em modalidades anacrônicas da escritura, no *pastiche*, a paródia e o grotesco, com a finalidade de desconstruir a história oficial. (AÍNSA, 1991, P.82, grifos do autor, tradução livre).

Não apresentaremos todos os personagens históricos participantes na obra. São muitos, mas nos deteremos naqueles que acreditamos serem os mais importantes para o desenvolvimento desta. Apresentaremos estes personagens conforme foram aparecendo na narrativa.

O primeiro é o General Manoel Luís Osório (1808-1879), gaúcho de Pelotas. Osório foi comandante interino do Exército e comandou a invasão do Paraguai. Função que assumiu em 1º de março de 1865. Vejamos trechos que se referem ao General no romance:

O General Manoel Luís Osório contempla o ambiente do alto do pingo malacra. Seus olhos pelo tempo de um suspiro vão além, ao mar de tendas do grande exército da Tríplice Aliança, adormecido ainda; mergulham depois nos contrafortes do noroeste, onde amanhece o país que lhe cumpre invadir e conquistar pelas artes da guerra. (GOMES, 1982, p.19).

Neste trecho há a caracterização do General Manoel Luís Osório como sendo um homem que vê além do habitual, enquanto todos os outros do exército da Tríplice Aliança ainda dormem, ele pensa no futuro. Vai à lugares mais altos para enxergá-lo. Vejamos outro excerto a seguir:

A província argentina de Entre-Ríos era dirigida por uma espécie de senhor feudal, Urquiza, que se dizia inimigo de Mitre e aliado quase ostensivo de Solano López. Urquiza, porém gostava de Osório, ao lado de quem combatera em guerra no Prata. (GOMES, 1982, p.136).

No recorte acima o narrador demonstra ser Osório um comandante apreciado até mesmo pelos inimigos, aqui, no caso Urquiza, pois combateram juntos em guerras passadas e criaram um vínculo, e por isso chega a ponto de conseguir vantagens para a tríplice aliança. Depois destes trechos extraídos de *A solidão segundo Solano López*, apresentaremos como obras historiográficas caracterizam Osório. Os livros aos quais faremos referências são *Genocídio Americano* (1998) de Julio J. Chiavenato e *Maldita Guerra* (2002) de Francisco Doratioto. Vejamos primeiramente uma citação de Chiavenato:

Osório (Manuel Luís, marquês do Erval)

(1808-1879) Militar brasileiro, um dos organizadores do exército para a Guerra do Paraguai. Comandou a invasão do Paraguai em 1866, quando foi promovido a marechal-de-campo. (CHIAVENATO, 1998, p.125, grifos do autor).

Aqui notamos o destaque da importância da função de Osório, afirmando ser ele um dos organizadores do exército para a Guerra do Paraguai e comandou a invasão o que gerou sua promoção. Depois desta citação de Chiavenato apresentaremos uma de Doratioto. Vejamos ela:

Após a sublevação em Toledo, Urquiza retornou a seu palácio em Entre Ríos e durante o resto da guerra, assistiu ao aumento de sua já imensa riqueza, ao vender provisões aos Exércitos aliados. Desde os meses anteriores Urquiza vinha tendo ganhos com a venda de víveres e animais ao Exército brasileiro. O general Osório vinha comprando cavalos e outros itens [...]. (DORATIOTO, 2002, p.145-146).

Acima notamos que Osório, diferente da visão de Gomes, só consegue comprar mantimentos de Entre Rios, devido aos interesses capitalistas de Urquiza e seus “vassalos”.

O segundo personagem é o presidente do Paraguai Francisco Solano López (1826 – 1870), cujo nome está presente no título do romance aqui analisado. Vejamos uma citação:

Os tempos, desde o retorno do jovem Francisco Solano López de sua missão diplomática na Europa, são bem outros. Dias agitados, novidades em brusca sucessão, algo indefinível que sua mente associa as palavras “metal”, “clangor”, “ruído”, penetrando lenta e inexoravelmente no território antes plácido do cotidiano. López, em seus discursos pronunciados em plena rua a qualquer hora do dia, faz constantes referências ao ‘ressurgimento’, ao ‘despertar do Paraguai Maior’. Tais imagens se constituem em componentes de insistência nas tiradas oratórias do Herói de Corrientes. (GOMES, 1982, p.22, grifos do autor).

Gomes, acima, apresenta um ainda jovem e ambicioso López, que possui grandes planos para sua nação. Apresenta-os em qualquer lugar para qualquer um. Discursos que todos estão dispostos a escutar de seu herói. Vejamos a seguir uma citação de Chiavenato:

López (Francisco Solano)

(1826-1870) Presidente do Paraguai de 1826 a 1870, quando foi morto por soldados brasileiros. Formou o exército paraguaio que enfrentou a Tríplice Aliança. (CHIAVENATO, 1998, p.124, grifos do autor).

Acima vemos a descrição sumária de um homem como comandante de uma nação e que somente a deixou por haver sido morto. Chiavenato contribui assim para construção da personalidade de um López heróico o que talvez seja um perigo, pois pode provocar a mitificação do personagem. Notamos também que combatera, outros três países, sozinho.

Outra personagem usada por Gomes e que tem papel central na trama é Madame Elisa Alicia Lynch, mulher do presidente paraguaio. O narrador romanesco assim a descreve:

A sociedade que gira em torno do brilhante El Supremo Francisco Solano López e Mme Elisa Alicia Lynch destaca-se pela vivacidade, inteligência e ávida emulação na busca da alegria de viver. Moças belas de famílias tradicionais enfeitam os muitos bailes de então: Zoila Alén, Balbina Palacios, Juliana Insfrán, Gabriela Spalding, que formam entre as amigas e defensoras da *madame*. Afastadas da Lynch, mas igualmente prestigiadas, Micaela Talavera, as irmãs Decoud, Laura Haedo, e como uma sombra sempre presente, olhos a brilhar e um traço amargo nos lábios, Pancha Garmendia, que amou e foi desprezada por López. (GOMES, 1982, p.48).

Esta é a representação de uma Madame Lynch que se destacava pela sua alegria e inteligência e era cercada por amigos e inimigos, que apesar de serem rivais também eram bem recebidas nos salões. Agora vejamos como Lynch é caracterizada em *Maldita Guerra*:

Em 1854, Francisco Solano López, filho mais velho do presidente Carlos Antonio López, foi enviado à Europa como ministro plenipotenciário para comprar armamentos e estabelecer contatos comerciais. Em Paris, conheceu uma cortesã de luxo, a irlandesa Elisa Alicia Lynch. Nascida em 1836, ela fora casada com um oficial francês, de quem se separou e passou a viver no demi-monde de Paris, povoado por mulheres indiferentes à moral da época, refinadas e capazes de agradar os homens também com conversas inteligentes. (DORATIOTO, 2002, p.29).

O historiador Doratioto descreve Lynch como sendo uma “cortesã de luxo”, que gozava de boa vida e que já fora casada, posição como sabemos nada respeitosa para uma mulher do século XIX. Doratioto ainda segue dizendo que Lynch após a separação passou a viver no “demi-monde de Paris”, lugar onde havia mulheres que não se importavam com a reputação e que eram capazes de agradar os homens “também”, vejam bem, Doratioto diz “também”, com conversas inteligentes. Este autor parece sugerir que Lynch era uma prostituta? Não podemos afirmar com certeza. Parece que o único ponto em comum entre Gomes e Doratioto é adjetivar Lynch como sendo uma pessoa inteligente.

E o último personagem que apresentaremos, mas deixando claro que existem muitos outros personagens históricos que desenvolvem papel fundamental na narrativa, é Duque de Caxias (1803 – 1880) ou ainda Luís Alves de Lima e Silva. Vejamos um trecho de *A solidão segundo Solano López*:

Consideradas suas origens, Luís Alves de Lima e Silva – Barão, Conde, Marquês e (depois) Duque de Caxias – poderia ter sido, como regra, o grão-senhor no uso e gozo de prerrogativas, vaidades e glórias. Foi, bem ao contrário, homem de extrema austeridade, desde a adolescência fiel ao binômio honra-dever que se traçou como filosofia de vida. Tornou-se com o tempo e as duras lides o maior soldado e o mais exemplar dos estadistas já surgidos em qualquer época da história de seu país. (GOMES, 1982, p.125).

Segundo o que é narrado no romance Caxias poderia ter sido uma pessoa vaidosa, despreocupada, mas o narrador afirma haver sido o contrário, foi uma pessoa honrada e prestativa desde jovem e que com o passar dos anos se tornou o maior soldado que esse país, o Brasil, já possuiu. Vejamos um trecho do livro de Chiavenato agora:

Caxias (Luís Alves de Lima e Silva, barão, marquês e duque de)

(1803-1880) Militar brasileiro, destacou-se na repressão As rebeliões contra o Império, como a Balaiada e a Farroupilha. Foi comandante-geral das tropas da Tríplice Aliança e ocupou Assunção em 1869, quando se afastou de campanha. É patrono do exército brasileiro. (CHIAVENATO, 1998, p.124, grifos do autor).

Em *Genocídio Americano*, vemos um Caxias que se destacou pelo brilho militar, reprimindo rebeliões separatistas, logo se esforçando para manter o país unido, tomando Assunção, o que segundo alguns historiadores poderia haver sido o fim da guerra, mas não foi pela ambição de usurpadores estrangeiros.

E Acreditamos ser o uso de personagens de extração histórica um subterfúgio a mais, e talvez a base para todos ou outros recursos estilísticos para criação de narrativas históricas contemporâneas, nos termos de Menton, para a re-humanização destas figuras que se sobressaíram diante da história. O que gera uma relação de identificação entre leitores e personagens.

NOTAS

¹ Aluno da Pós-graduação em Linguagem, Cultura e Ensino da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu.

REFERÊNCIAS

- AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica Latinoamericana. In: *Revista Plural* nº 240, 1991.
- CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Moderna, 1998.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GENETTE, Gerard. e LEWIN, J. E. *Paratext: Threshold of Interpretation*. (literature, culture, theory). Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GOMES, Carlos de Oliveira. *A solidão segundo Solano López*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1982.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: FCE, 1993.